

Notas soltas do Curtas Vila do Conde 2012: *Zwazo* de Gabriel Abrantes

Gabriel Abrantes (N. 1984) apresentou na 20.^a edição do Curtas Vila do Conde mais um filme que integra, com muita coerência, o seu percurso singularíssimo no contexto do cinema português. Vindo das artes plásticas, mas com formação académica em cinema e artes visuais, Gabriel Abrantes começou por fazer cinema em 2006 em contexto de galeria, para ser exibido em exposições de artes plásticas, começando desde cedo a construir um universo estético e a desenvolver um processo criativo muito singular: *Olimpia I e Olimpia II* (2007), um díptico corealizado com Katie Widloski; *Gugg 'n' Tate* (2008); *Visionary Iraq* (2008), corealizado com Benjamin Crotty; *Too many Daddies, Mommies and Babies* (2009).

O percurso sólido levou-o a começar a produzir e a realizar obras mais vocacionadas para a sala de cinema, com uma construção narrativa mais convencional – este adjectivo nunca faz muito sentido para falar da obra de Abrantes, mas não me ocorre outro – e com uma profundidade de campo e enquadramentos que já exigiam uma tela de cinema. Até ao momento, o momento mais mediático da sua carreira foi conseguido com *A History of Mutual Respect* (2010), corealizado com Daniel Schmidt, que venceu o Leopardo de Ouro para a Melhor Curta-Metragem Internacional no Festival de Cinema de Locarno em 2010 e do Prémio para Melhor Curta-Metragem Experimental no Festival de Melbourne de 2011, e ainda a nomeação para Melhor Curta-Metragem no Festival de Roterdão.

Seguiram-se outras obras que consolidaram o “estilo” de Abrantes, nomeadamente *Fratelli* (2011), corealizado com Alexandre Melo, e *Palácios da Pena* (2012), corealizado com Daniel Schmidt, que confirmaram a coerência plástica, temática, formal e estética revelada desde cedo: a sua capacidade de criação de “universos narrativos” que cruzam, através de várias linguagens, “visões sarcásticas da cultura, da política e do quotidiano”.

As relações humanas, sobretudo amorosas e de solidariedade, continuam a marcar a obra do jovem realizador. E *Zwazo* não foge a essas preocupações: a história do filme cruza o quotidiano de adolescentes e idosos haitianos a braços com a reconstrução do seu país após o terremoto de 2010 com a tragédia grega *Os Pássaros*, escrita por Aristófanes, que constitui uma forte sátira aos defensores das utopias políticas e sociais. O fascínio pela cultura popular, eminentemente oral, e o seu cruzamento com a cultura erudita, eminentemente escrita, ou com formas de expressão artística mais contemporânea e radicais mais performática – no caso, auto-referencial ao próprio trabalho de Gabriel Abrantes, tornam o filme muito complexo do ponto de vista reflexivo e subjectivo de cada espectador.

Com *Zwazo*, Gabriel Abrantes promete iniciar um trabalho mais duradouro em torno da preocupante situação social e humanitária do Haiti, já garantindo apoios financeiros para mais dois projectos: *Tristes Monroes* e *Narciso, Edipo and Orpheus*, ambos corealizados com Daniel Schmidt, foram seleccionados para o Atelier Cinefondation em Cannes e para o FIDLab fórum de co-produção promovido pelo FIDMarseille. Os dois projectos são próximos de

Zwazo no que diz respeito à reflexão do autor sobre a globalização e a geopolítica no mundo contemporâneo.

Mas as preocupações sociais e políticas não são inéditas no trabalho de Abrantes, que já tinha filmado em realidades também periféricas como Luanda (Angola), Costa Rica ou Amazônia. Já em 2009, numa entrevista ao *Jornal de Letras*, o jovem realizador afirmava que encontrava no cinema uma forma de "preenchimento em termos sociais": "No atelier, estou a fazer um esforço intelectual, mas a actividade social não é grande. O cinema tem vindo a cumprir esse espaço que foi a razão principal que me levou a trabalhar em arte". No mesmo ano, em entrevista à revista *Rua de Baixo*, afirmou ainda: "Um trabalho político é aquele que tenta imaginar o mundo, distorcê-lo e pervertê-lo, para que seja possível reflectir moralmente sobre o que o nosso mundo devia ser."